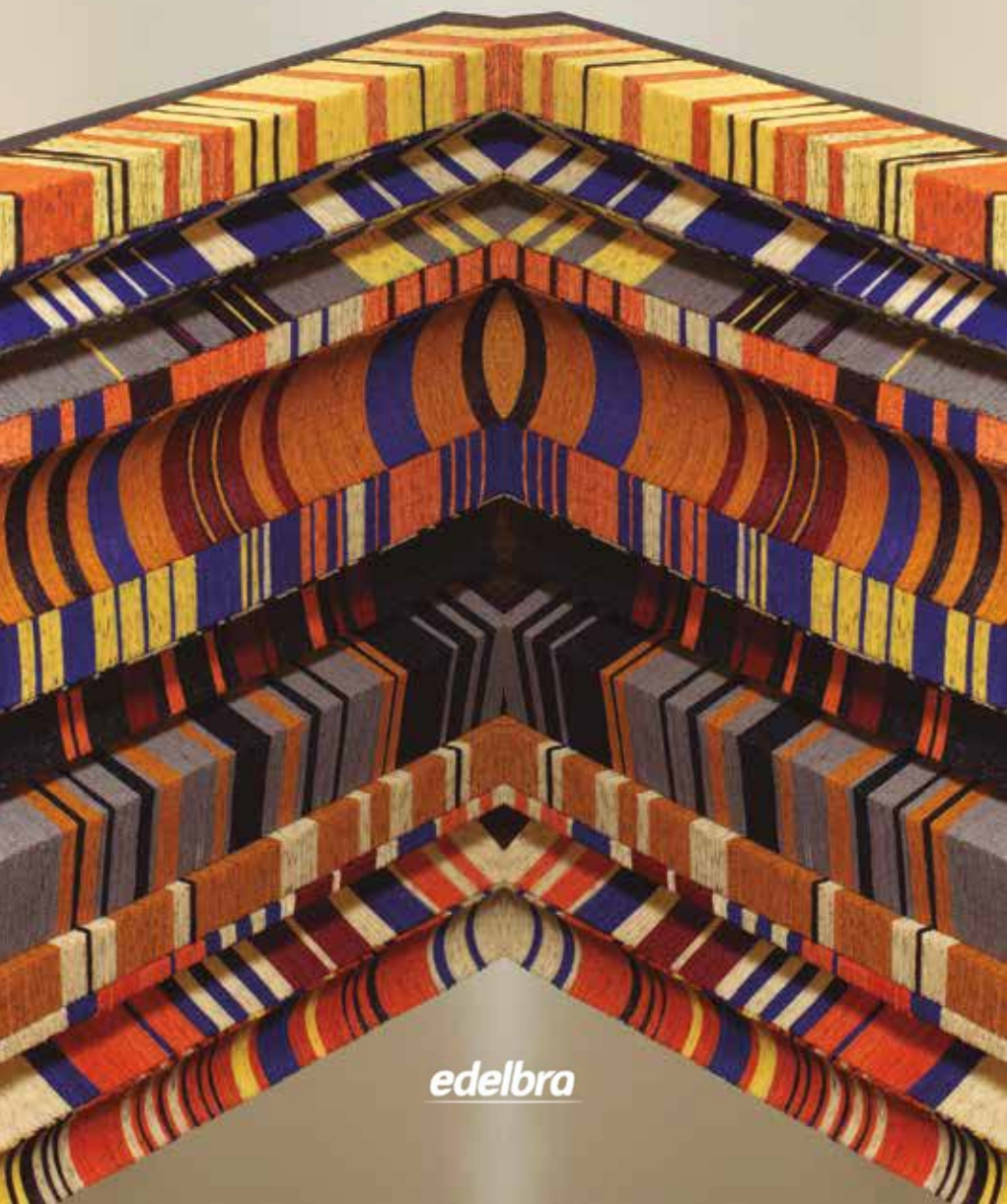


MEMÓRIAS A GRANEL

Daniel
Munduruku

Ilustração de
Rodrigo Mafra



edelbra



MEMÓRIAS A GRANEL

Daniel
Munduruku

Ilustração de
Rodrigo Mafra

edelbro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

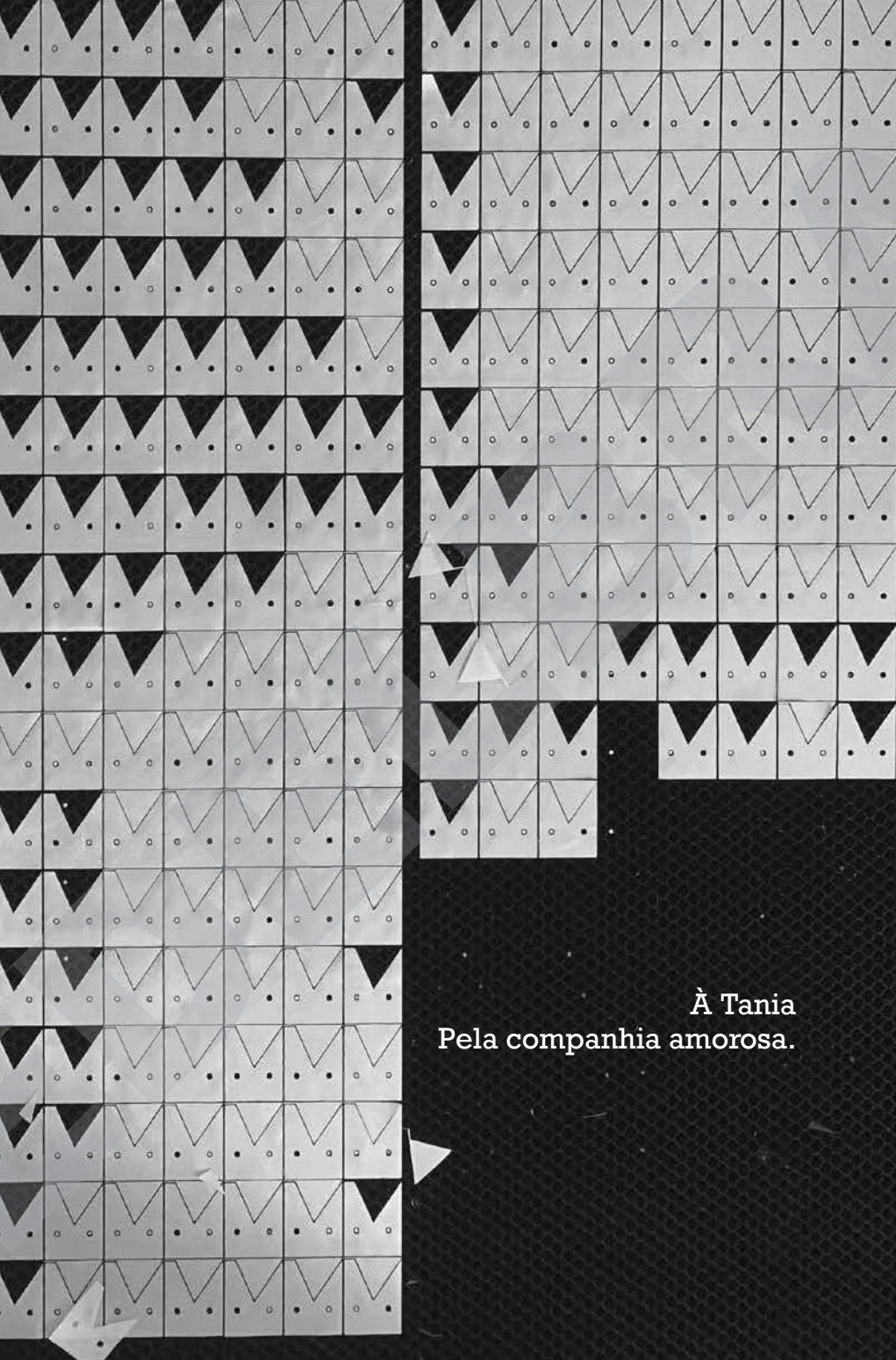
Munduruku, Daniel

Memórias a granel / Daniel Munduruku;
ilustração de Rodrigo Mafra. -- 1. ed. --

Porto Alegre, RS : Edelbra, 2025.

ISBN 978-65-5750-121-4

1. Memórias autobiográficas 2. Munduruku,
Daniel 3. Povos indígenas (Munduruku) I. Mafra,
Rodrigo. II. Título.



À Tania
Pela companhia amorosa.

SUMIÁRIO

LIBERBRA

**MEMÓRIAS A GRANEL:
INTRODUZINDO
NOSSA CONVERSA 07**

PARTE UM: CRIANÇA 13

Nunca gostei de ser “índio” 15

Um avô para chamar de meu 20

Linda e eu, atrás da moita 25

Tu és “um pereba”! 30

PARTE DOIS: JUVENTUDE 37

Sobre aranhas e livros 39

O Papa e eu 44

**PARTE TRÊS:
VIDA ADULTA 49**

Em Lorena, minha primeira paixão 51

Um sinal do acaso? 56

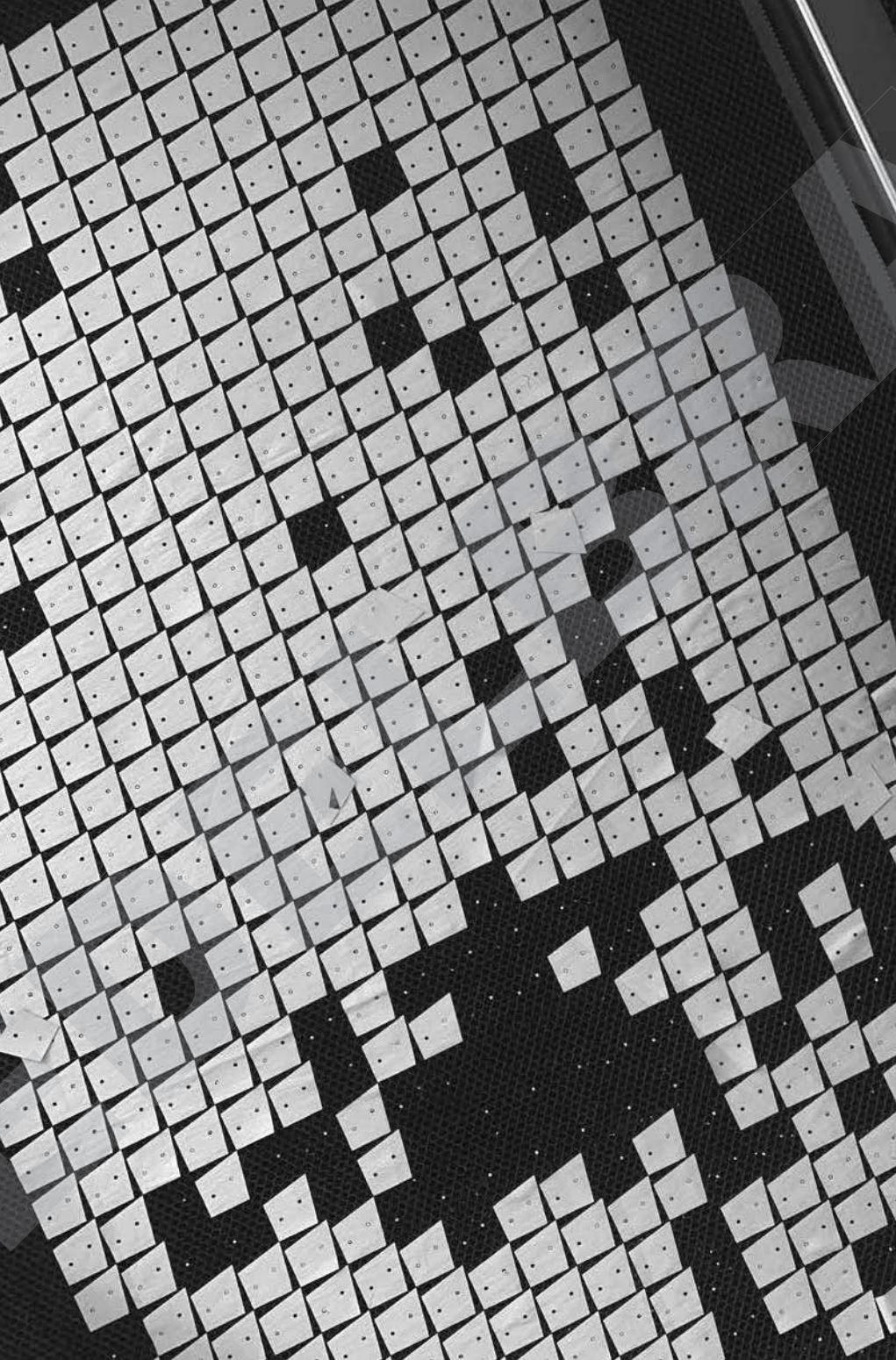
O dia em que nasceu o escritor 61

20 anos depois 66

**PARTE FINAL:
À GUIA DE CONCLUSÃO 73**

Filhos da mesma floresta 75

O que sou só serve para mim 80



MEMÓRIAS A GRANEL: INTRODUZINDO NOSSA CONVERSA

Somos todos filhos e filhas da memória. Memória é o fio que nos liga a uma ancestralidade e que tem a ver com nosso pertencimento originário. Cada pessoa tem uma origem. Há pessoas cuja origem está na Europa. Há outras cuja origem está na África. E há aquelas, como eu, que têm sua origem nos povos indígenas, aqui mesmo do Brasil. Aliás, foi o encontro entre essas três matrizes que acabou gerando o país que hoje herdamos.

Herança é o que nos foi deixado por nossos pais, por nossos antepassados. Cada um deles vivia conforme seus costumes e suas crenças, mas, com o passar do tempo, as novas gerações foram adaptando cada uma dessas características à sua nova maneira de estar no mundo. E a esse encontro do que herdamos e do que somos hoje damos o nome de Cultura. Cada coisa que fazemos — da comida que comemos

ao formato da casa que construímos — tem um traço de nossos ancestrais. Nas músicas que cantamos e nas danças que executamos, existe a presença e a influência dos nossos ancestrais. A isso tudo chamamos de Cultura Brasileira.

Quem fala neste livro é um descendente de um povo indígena: os Munduruku. Talvez você nunca tenha ouvido falar desse povo, mas isso aconteceu porque nós ficamos escondidos debaixo de um apelido. Isso mesmo. As pessoas costumavam nos chamar apenas de índios. Aí dava a impressão de que todos éramos iguais e de que tínhamos nascido em um único lugar. A verdade é que há no Brasil muitos povos diferentes entre si. Por aqui ainda existem 305 povos indígenas e são faladas 274 línguas. Inclusive, muitas das palavras que hoje falamos são de origem indígena. É por isso também que nossa língua brasileira é muito diferente da língua portuguesa falada lá na Europa. Os sotaques que falamos são variações das diversas línguas que formaram nossa cultura nacional. Eu acho isso fantástico. Você não acha?

Estou dizendo isso porque, neste livro, você vai encontrar um pouco das minhas memórias que são, também, as memórias do povo Munduruku,

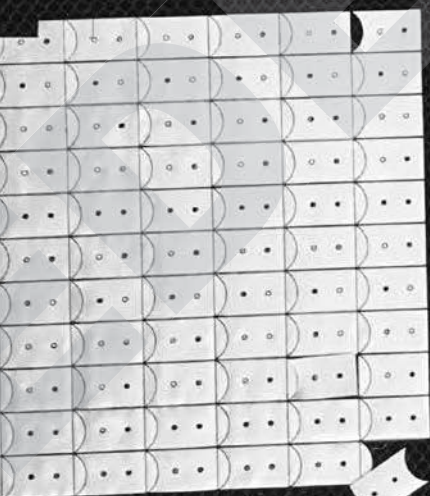
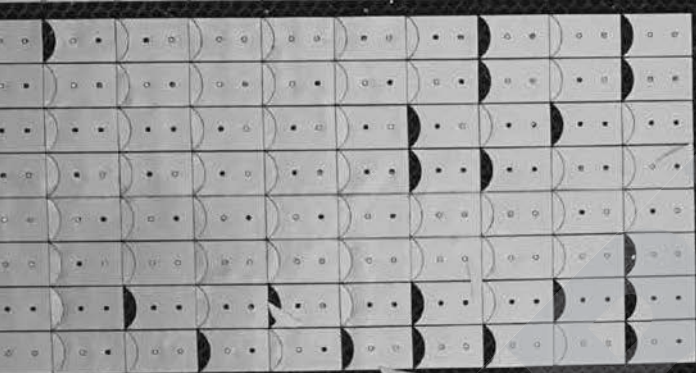
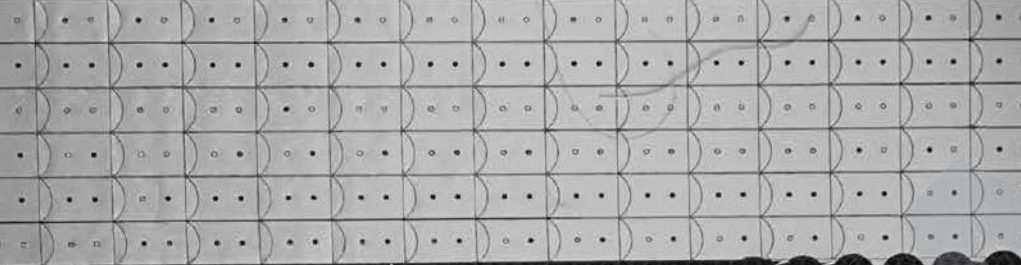
território onde nasci. Nele você vai encontrar um trajeto que fui percorrendo ao longo do tempo, até chegar ao que sou. São as minhas memórias. Elas percorrem minha infância, juventude e vida adulta. Aqui não está minha vida completa, não. Estão apenas alguns flashes, e é por isso que o livro se chama *Memórias a granel*. Granel é o mesmo que fração. Fração é uma parte do que é completo. A vida completa só pode ser contada quando a gente já é bem velhinho ou quando a gente já partiu para o desconhecido. Aqui, eu conto uma parte, para que você conheça minha caminhada como um brasileiro que nasceu dentro de um povo originário. E também como foi, para mim, experimentar o preconceito, a negação e o apagamento da trajetória desse povo na história do Brasil.

Que fique claro: as memórias que estão aqui são minhas, mas elas contam muito de como nosso país tratou todos os povos indígenas que sempre habitaram este território. O Brasil tentou apagar, mas a ancestralidade dos povos indígenas está muito viva dentro de cada brasileiro. Está, portanto, dentro dos moradores do norte, nordeste, centro-oeste, sudeste e sul. Cada brasileiro traz

em si uma memória de pertencimento. Não importa de qual estado você esteja lendo este livro, em você há uma memória ancestral.

Minha esperança é que este livro desperte em cada leitor, em cada leitora, o desejo de um reencontro com sua própria ancestralidade.

Boa leitura!



DELEBRA

**PARTE UM:
CRIANÇA**

NUNCA GOSTEI DE SER “ÍNDIO”

Nasci com cara de índio, dizem. Mas só soube disso depois. Colegas de escola assim me definiram tão logo me viram chegando com um uniforme apertado, fazendo conjunto com um short e com um sapato com número menor que meu pé.

Foi uma experiência muito estranha para mim e que me deixou meio traumatizado. É que eu cresci em uma pequena comunidade no interior do Pará. Era uma aldeia, mas lá ninguém se apelidava de índio. Todos tínhamos nome, sobrenome, parentesco, amigos e animais de estimação. O que não tinha era energia elétrica, e por isso a vida começava cedo para aproveitar bem a luminosidade do sol. Aprendi, com isso, a respeitar a natureza desde que era menino. Aprendi a olhar para o tempo e reconhecer suas mensagens: chuva, sol quente, tempestade, frio, lua cheia ou minguante. Aprendi a respeitar os passos dos outros seres e a não fazer xixi no igarapé. Aprendi a caçar calangos usando armadilhas ou tacape e a flechar pequenos animais a uma distância segura.

Também aprendi a tomar banho de chuva, nadar com desenvoltura, esculpir meus brinquedos nas taquaras e nos caroços de manga e andar na mata sempre atento aos sinais de perigo.

Apesar de tudo o que sabia, de escola e de amizade confusa nada sabia. Por isso me zanguei quando minha mãe me obrigou a colocar o tal uniforme para ir à escola. “É para você aprender coisas novas”, ela disse. “É para você crescer inteligente”, meu pai disse. “É para você saber mais que nós”, meu tio disse. “É para você ficar civilizado”, meu irmão mais velho ironizou.

Quem não disse nada foi meu avô, que ficou olhando de longe um tanto desconfiado. Observou tudo o que estava acontecendo e depois riu da roupa que eu estava usando. Não foi um riso de deboche, mas eu senti como se fosse. Depois compreendi o que se passou na cabeça dele. Ele sabia o que eu iria passar.

De qualquer maneira, eu estava animado para aquele momento. Muito já ouvira sobre a escola do branco e tinha uma vontade grande de conhecê-la. E foi com esse espírito que aceitei usar aquele uniforme feio e aqueles sapatos que apertavam meus pés, que, antes, eram livres,

inclusive do mau cheiro que depois eu senti.

Cheguei à escola bem motivado. Meus pés apertados me faziam andar meio torto. Adentrei no prédio disposto a aprender as coisas dos brancos. Logo de cara, me deparei com um grupo de colegas. Todos eram um pouco parecidos comigo, e senti que poderiam ser meus amigos. Fiquei feliz. No entanto, quando fui me aproximando do local, um deles apontou o dedo para mim e gritou: “Olha o índio que chegou na nossa escola!!! Olha o índio!”.

Eu fiquei olhando para todas as partes, procurando o tal índio! Achei que era um passarinho que eu não conhecia! Quando eles viram que eu não sabia do que falavam, começaram a rir. Só depois é que me dei conta de que eles falavam de mim.

Pode parecer estranho, mas aquela palavra “índio” eu não conhecia. Eu não sabia que existia alguém que se chamava índio. Meus pais nunca me chamaram assim; meus irmãos, também não; meus outros parentes, idem. Era uma palavra que não cabia em meu pequeno vocabulário português. Entendi, então, que meus colegas me deram um apelido. No começo, eu até achei que era legal ter um, mas depois fui compreendendo que,

por causa dele, quase sempre eu era isolado nas brincadeiras, no pátio, na hora do lanche ou nas atividades escolares. Percebi que meu apelido era motivo de piada e que minha origem era motivo de chacota. Isso me deixava muito triste.

O engraçado é que eles se pareciam comigo: tinham cara igual à minha, cabelos lisos como os meus, maçãs do rosto salientes e até pé chato alguns tinham. Por que eles zombavam de mim? Sabem quem me esclareceu? Minha mãe. Quando cheguei em casa e contei o que havia acontecido, ela me colocou entre suas pernas, afagou meus cabelos e disse, sem rodeios: “Eles se acham civilizados, meu filho. Acham que, por estarem mais tempo na cidade, já aprenderam tudo e podem fazer mal para as outras pessoas. Não ligue para as bobagens que eles dirigem a você. Mas também não se permita ficar como eles. Seja sempre um bom menino e não deixe que um apelido destrua a bondade de seu coração”.

Mamãe falou isso e me deixou brincar. Não pensei duas vezes e corri para encontrar meus amigos verdadeiros, que moravam na mesma aldeia que eu. Eu tinha perto de 9 anos. Eu nunca gostei de ser índio.

UM AVÔ PARA CHAMAR DE MEU

Avós são seres estranhos. Alguns são muito bonzinhos, e outros têm cara de malvados. Tem os que gostam de ser velhos e outros que não querem nem ouvir essa palavra. Parece que não gostam de envelhecer por medo ou por vergonha.

Na cidade, conheci muitos velhos que não querem ser velhos. Acham que é um defeito ter vivido muito tempo. Há homens e mulheres com idade avançada, mas insistem em continuar jovens. Eu sempre achei isso um tanto esquisito, porque venho de uma tradição em que ser velho é o sonho dos jovens. Nesse lugar, o velho gosta de ser velho e faz questão de ser tratado dessa maneira. Ok, vou explicar melhor. Sei que parece confusa essa ideia.

Desde cedo, a gente aprende a diferenciar as pessoas. Sabemos quem são nosso pai e nossa mãe; nossos tios e tias; irmãos e irmãs, primos e primas; avó e avô. Essa ordem é importante para dar às crianças uma referência espacial. Elas sabem a quem recorrer em caso de necessidade.

Questão de sobrevivência.

Com o passar do tempo, a gente vai entendendo a função que cada uma dessas pessoas ocupa em nossa vida. Vamos descobrindo que os pais são nossos provedores e educadores. São eles que nos alimentam, nos banham, nos ensinam a andar, nos levam para passear, fazem nossos brinquedos, ensinam os caminhos da floresta, a confeccionar nossos utensílios, catam nossos piolhos e brigam com a gente também. Depois percebemos que os irmãos servem como suporte para esse aprendizado. Servem também para brigar com a gente. Os primos são nossos colegas de jogos e brincadeiras. Tios e tias são nossos outros pais. Mas para que servem um avô e uma avó?

Eles servem para educar nosso espírito. São pessoas que já passaram pela vida e carregam no corpo as marcas do tempo passado. Trazem consigo a experiência de ter vivido e compreendido os sentidos de existir. São pessoas reflexivas, equilibradas e muito doces. Sim, são doces. São eles que oferecem guloseimas escondidas dos pais; relevam as broncas que os pais nos dão; elogiam nossas decisões mesmo que não entendam direito o que estamos fazendo. Lá na aldeia, são eles os

responsáveis por contar as histórias ancestrais e manter em nós o espírito da tradição. Eles formam nosso espírito para entender os mistérios da vida.

Lá de onde vim, os velhos não abrem mão de seu papel de formadores do espírito dos mais jovens. Eles não querem ser jovens para sempre. Querem ser velhos para sempre. Querem ajudar os jovens a não perderem o rumo. Sabem que têm um papel importante na vida da comunidade, na sua continuidade. Isto que aprendemos desde cedo: fazemos parte de uma teia. Se cada pessoa fizer sua parte, tudo correrá sempre bem. Também por isso fazemos os rituais de passagem. Isso quer dizer que somos ensinados a viver bem cada fase da vida em que estamos. Criança tem que ser criança; jovem, jovem; adulto não pode abrir mão de ser adulto e assumir as consequências por ser assim; o avô e a avó – que chamamos carinhosamente de velhos – não podem querer ser outra coisa nesse momento. Dessa maneira, vamos marcando cada fase da vida com o que chamamos de rituais de passagem, que são marcações de tempo que determinam nosso momento de vida. Assim, a gente não esquece quem a gente é.

Eu tive avós muito estranhos, mas também muito legais. Eram pessoas felizes em sua velhice e que me ensinavam a viver bem minha vida. Minha avó era uma bruxinha muito esperta e inteligente. Deixou em mim muitas marcas e saudades. Mas foi meu avô que ensinou coisas muito importantes para o que eu viria a ser mais tarde. Ele me ajudou a vencer o medo que eu tinha da cidade e das pessoas de lá. Ele foi me conduzindo para eu me tornar um ser humano feliz, ainda que tivesse que enfrentar os desafios de viver numa sociedade diferente da minha. Ele foi me conduzindo por uma picada na floresta que depois se transformaria em trilha e, por fim, num caminho seguro e feliz.

Hoje em dia, eu penso que meu avô já antevira tudo o que eu passaria em minha vida e foi criando um jeito de eu poder enfrentar as dificuldades com desenvoltura e com uma dose de bom humor. Ele foi o filósofo mais sábio que eu conheci, o velho mais jovem, o homem mais íntegro e correto que passou por minha vida. Ele não me deixou em nenhum momento e não abriu mão de sua idade e experiência quando precisei. Lamento não ter nenhuma foto dele. Tudo o que tenho

são as lembranças que minha memória deixa de vez em quando escapar, para eu não esquecer que tive um avô para chamar de meu.

LEMBRANÇA



Daniel Munduruku

, nascido em Belém em 1964, destaca-se como escritor e ativista do povo munduruku. Com vasta obra, com mais de 65 livros, aborda a cultura e saberes dos povos indígenas no Brasil. Sua formação inclui graduação em Filosofia, licenciatura em História e Psicologia, e doutorado em Educação pela USP.

É diretor do Instituto UKA, centro de preservação de saberes ancestrais, e membro fundador da Academia de Letras de Lorena. Premiado no Brasil e exterior, recebeu a Comenda da Ordem do Mérito Cultural em 2008 e a Grã-Cruz em 2013.


Em “Memórias a granel”, o autor revisita suas memórias, desde a infância na aldeia até a vida adulta. A obra é um testemunho da força e da resiliência dos povos indígenas, e um convite à reflexão sobre a importância de valorizar e preservar suas culturas. Através da literatura, Daniel promove o diálogo intercultural e contribui para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Rodrigo Mafra, nascido em

Lins em 1971, começou a ilustrar profissionalmente aos 13 anos como chargista político no jornal “O Liberal”, em Americana, SP. Tal como a memória, ilustrar também é um processo de construção a partir de referências, de peças e camadas que revelam caminhos.

Texto e tecido possuem a mesma raiz etimológica: *texere*, do latim, tecer, tramar, fazer. A escolha da criação e construção de uma escultura contendo muitas camadas de tecido para ilustrar este livro e a exposição do seu processo de fabricação ao longo das páginas do livro são uma metáfora para a formação das memórias, feitas de fragmentos de momentos, que, unidas, contam uma vida.

Construir a modernidade em comunhão com o ancestral é como utilizar uma ferramenta de produção em série para realizar algo único. Cultivar a vida como obra de arte, através da resignificação de momentos, representando figurativamente a possibilidade de organização de um processo infinito que é a existência da memória - que, como a ilustração e a escultura, é a granel.



1ª edição, 1ª impressão
Autor: Daniel Munduruku
Ilustrações: Rodrigo Mafra
Projeto gráfico: Natália Calamari
Revisão: Ana Lúcia Wehr

Edelbra | www.edelbra.com.br
Central de Atendimento | 51 2118 4404 |
cae@edelbra.com.br Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou copiada,
por qualquer meio, sem a permissão por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Indústria de Livros Ltda.

Este livro foi composto com as fontes Rockwell e Gotham e
impresso durante o outono de 2025.

De menino indígena que vivenciou os ritos da aldeia e da cidade, Daniel Munduruku se tornou escritor premiado e reconhecido internacionalmente, abraçando a missão de “desentortiar” o pensamento da sociedade brasileira em relação aos povos originários por meio da literatura. Em “Memórias a Granel”, ele convida os leitores a adentrar passagens da sua própria história, desde a infância até a vida adulta, revisitando memórias e aprendizados. Com uma escrita sensível, Munduruku compartilha as vivências na floresta, a descoberta do amor e a descoberta de si enquanto escritor, combatendo estereótipos e preconceitos e promovendo o respeito aos direitos humanos.

ISBN 978-65-5750-121-4



edelbra